

A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE PELO USO DA INTERNET E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Rosa Severina de Souza Oliveira¹
Everaldo da Silva Santana²

RESUMO: A subjetividade está relacionada às ideias, aos sentimentos, aos comportamentos e à forma como o sujeito compreende a realidade, sendo constituída nas relações estabelecidas com outras pessoas, com as instituições, com a cultura e com os diferentes meios que fazem parte da vida social. Nesse contexto, as tecnologias digitais participam cada vez mais das experiências cotidianas e educacionais, interferindo nas formas de interação, acesso à informação, construção do conhecimento e aprendizagem. Este artigo tem como objetivo analisar de que modo a internet e das tecnologias digitais participam da produção da subjetividade e quais são suas implicações para o processo de aprendizagem. Considera-se, ainda, que as tecnologias digitais podem favorecer a aprendizagem, a criatividade e a ampliação das possibilidades de acesso ao conhecimento, mas também podem reproduzir relações de consumo, controle, padronização e produção de subjetividades. Assim, defende-se a necessidade de uma apropriação crítica das tecnologias digitais no campo educacional, de modo que sua utilização contribua para uma formação humana, reflexiva e consciente.

Palavras-chave: Subjetividade. Tecnologias digitais. Aprendizagem. Educação. Cultura digital. 1

Vivemos em constante construção do nosso conhecimento. Mesmo quando julgamos não estar adquirindo nenhum conhecimento novo, estamos fazendo-o. Podemos até ser tolhidos de expressar o que pensamos e o que sentimos, entretanto, o aprender jamais será tolhido, uma vez que a aprendizagem se dá das mais diferentes formas, através das mais diferentes leituras, experiências e relações.

O aprender perpassa pela necessidade que sentimos de conhecer o desconhecido e requer um trabalho de construção do conhecimento por meio da interação entre o sujeito e a nova informação. Sem esse processo, que para muitos passa despercebido, a vida não teria sentido, pois a cada momento estamos aprendendo algo novo. Parece vivermos uma busca incessante por aquilo que não conhecemos, talvez para suprir a curiosidade, mas também para nos satisfazer emocional e intelectualmente e nos constituirmos, a cada dia, como sujeitos.

¹ Doutor em Ciências da Educação pela CBS (Christian Business School).

² Mestra em Letras pela Universidade Federal da Paraíba.

Os diversos espaços por onde circulamos, as inúmeras possibilidades de acesso ao conhecimento, os diferentes grupos com que nos relacionamos e as diferentes maneiras de estabelecer relações, seja presencialmente ou virtualmente, também participam da produção de subjetividade. É nesse contexto que a internet e, mais recentemente, as tecnologias digitais ganham importância no processo de aprendizagem.

É necessário, portanto, compreender o professor como um dos sujeitos da ação educativa e como agente transformador das mudanças que ocorrem não apenas na esfera educacional, mas também na sociedade. A utilização das tecnologias digitais exige mais do que domínio técnico: requer reflexão sobre seus usos, suas possibilidades, seus limites e os efeitos que produzem sobre as relações pedagógicas e sobre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. (ALARCÃO, 2004).

A escola, nesse contexto, não pode ignorar as tecnologias que fazem parte da vida social dos estudantes. Entretanto, também não pode incorporá-las de maneira acrítica. A questão contemporânea não está apenas em aceitar ou rejeitar a tecnologia, mas em compreender como ela participa das relações sociais, da construção do conhecimento e da produção de subjetividades.

Essa preocupação já estava presente na discussão inicial deste trabalho, ao considerar que a subjetividade é resultado das relações estabelecidas entre os sujeitos e o meio. A diferença é que, no contexto atual, esse meio tornou-se ainda mais complexo. As plataformas digitais, os sistemas algorítmicos e os dispositivos conectados não apenas possibilitam o acesso a informações, mas também organizam fluxos de conteúdos, selecionam aquilo que ganha visibilidade e participam da configuração das experiências dos sujeitos. Pesquisas recentes discutem, nesse sentido, processos de plataformização, datificação e performatividade algorítmica no campo educacional. (SILVA; COUTO, 2024; SILVA, 2024).

Ao considerar que a subjetividade está relacionada ao desenvolvimento pessoal e envolve sentimentos, pensamentos e emoções, compreende-se que sua constituição não ocorre de maneira isolada. O sujeito constrói-se ao longo da vida por meio das relações estabelecidas com o outro e com o mundo em que está inserido..

A relação entre o mundo interno e o mundo externo de cada indivíduo na construção de suas crenças e valores, que constituem suas experiências históricas e coletivas, não se dá apenas através do acesso, da conexão e da visualização. É preciso interação com o outro através da

reflexão crítica, do diálogo e da alteridade. Dessa forma, estar conectado não significa, necessariamente, estabelecer uma relação formativa, assim como ter acesso à informação não significa, por si só, produzir conhecimento (SALDANHA, 2008).

Essa distinção torna-se particularmente importante diante da expansão das tecnologias digitais. A quantidade de informações disponível aos sujeitos aumentou significativamente, mas a aprendizagem continua dependendo da capacidade de atribuir sentido, estabelecer relações, questionar informações e dialogar com diferentes perspectivas.

A aprendizagem, portanto, não pode ser compreendida apenas como transmissão ou armazenamento de informações. Ela envolve sujeitos, relações, experiências, contextos e processos de significação. Nessa perspectiva, a tecnologia pode ampliar as possibilidades de acesso e comunicação, mas não elimina a necessidade da interação humana e da mediação pedagógica (MORAN, 2012).

A reflexão de Lévy (1999) permanece importante nesse debate ao considerar que não se trata apenas de utilizar tecnologias, mas de acompanhar uma mudança cultural que questiona formas institucionais, mentalidades e os papéis tradicionalmente atribuídos ao professor e ao estudante. O desafio contemporâneo consiste, portanto, não apenas em incorporar novas ferramentas, mas em compreender as transformações sociais e culturais que acompanham sua utilização.

3

Essa compreensão também dialoga com Moran, para quem o conhecimento não pode ser reduzido exclusivamente ao racional, uma vez que conhecer envolve diferentes dimensões da realidade e relações entre o sensorial e o racional, o concreto e o abstrato, o pessoal, o grupal e o social. (MORAN, 1994).

Dessa maneira, tanto o mundo externo quanto o mundo interno do sujeito precisam ser considerados dentro das circunstâncias históricas, políticas e culturais em que ele vive. No contexto contemporâneo, essas circunstâncias incluem também as experiências mediadas pelas tecnologias digitais.

A internet tornou possível ampliar significativamente as formas de acesso ao conhecimento. Por meio dela, o sujeito pode buscar informações de maneira autônoma, estabelecer contato com diferentes fontes e participar de espaços de aprendizagem que ultrapassam os limites físicos da escola. (LÉVY, 1999). Entretanto, a autonomia não deve ser confundida com simples acesso à informação.

A possibilidade de encontrar rapidamente uma resposta não significa necessariamente compreender o fenômeno estudado. A aprendizagem exige seleção, interpretação, comparação, reflexão e construção de sentidos.

Nesse aspecto, a escola e o professor possuem papel fundamental. A presença das tecnologias digitais não diminui a importância do professor; ao contrário, amplia a necessidade de mediação crítica. Cabe ao professor ajudar o estudante a compreender, questionar e utilizar de maneira consciente as informações e os recursos tecnológicos disponíveis.

Pesquisas recentes reforçam essa compreensão. Estudo realizado com 142 professores da educação básica identificou que o acesso às tecnologias digitais, os recursos físicos, as condições sociais e a formação continuada dos professores são elementos importantes para que essas tecnologias possam contribuir efetivamente para o ensino e a aprendizagem (KLEEMANN; MACHADO; PEREIRA, 2025).

O professor, como sujeito da ação educativa, precisa se perceber como agente transformador e compreender que sua atuação não se resume à transmissão de conteúdo. Em uma sociedade marcada pela presença das tecnologias digitais, sua função envolve também orientar os estudantes diante da grande quantidade de informações disponíveis e ajudá-los a desenvolver critérios para analisá-las. (ALARCÃO, 2004).

4

A questão torna-se ainda mais complexa diante dos sistemas algorítmicos e da inteligência artificial. Os estudantes não apenas acessam informações: cada vez mais, encontram conteúdos selecionados por sistemas que organizam sua visibilidade e podem influenciar aquilo que veem, leem e consideram relevante. Estudos recentes sobre algoritmização curricular chamam atenção justamente para processos de seleção de conhecimentos, planejamento e avaliação mediados por tecnologias preditivas e plataformas baseadas em dados. (SILVA, 2024).

Assim, a autonomia do sujeito na cultura digital precisa ser acompanhada de uma formação crítica capaz de compreender também os mecanismos que organizam os ambientes digitais.

A plataformização da educação constitui uma dimensão particularmente relevante desse processo. Pesquisas recentes mostram que a inserção de plataformas digitais no cotidiano escolar pode modificar práticas pedagógicas, relações de trabalho e formas de organização da atividade educativa. Estudos sobre a Educação Básica identificam, entre outros aspectos, a

presença de plataformas digitais, conectividade e transformações no trabalho docente. (MATTA; RIBEIRO; PAMPLONA, 2025).

A discussão sobre algoritmização curricular aponta justamente para a possibilidade de que sistemas baseados em dados passem a interferir na seleção de conhecimentos, no planejamento pedagógico e na avaliação dos estudantes, trazendo questões éticas, políticas e pedagógicas para o campo educacional. (SILVA, 2024).

O professor continua sendo fundamental para estabelecer mediações entre conhecimento, tecnologia e sujeito. Seu papel, entretanto, torna-se mais complexo, pois envolve também orientar os estudantes na seleção de informações, na análise crítica dos conteúdos e na utilização ética das tecnologias.

É necessário compreender que tecnologia e educação estão inseridas em relações sociais mais amplas. O professor precisa conhecer as possibilidades oferecidas pelos recursos digitais, mas também compreender seus limites, seus mecanismos e suas implicações para a autonomia e a subjetividade dos estudantes.

A educação, portanto, precisa formar sujeitos capazes não apenas de utilizar tecnologias, mas de compreender criticamente o mundo tecnológico em que vivem.

A tecnologia, portanto, não deve ocupar o lugar do sujeito, da relação pedagógica ou da reflexão crítica. Ela pode constituir-se como instrumento de aprendizagem quando colocada a serviço da formação humana, da criatividade, da produção do conhecimento e da autonomia. (LÉVY, 1999; MORAN, 1994).

Nesse sentido, a produção da subjetividade no contexto digital precisa ser compreendida como um processo aberto, construído nas relações entre sujeitos, tecnologias, cultura e sociedade. Cabe à educação contribuir para que essas relações sejam estabelecidas de maneira consciente, crítica e humanizadora.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2004.
- KLEEMANN, Robson; MACHADO, Celiane Costa; PEREIRA, Elaine Corrêa. **Tecnologias Digitais e Educação: desafios no processo de ensino e aprendizagem**. Educação & Formação, Fortaleza, v. 10, e14557, 2025.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MATTA, Alfredo; RIBEIRO, Tânia; PAMPLONA, Roberto. **Plataformização e os novos contornos do trabalho docente na Educação Básica**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 30, e300012, p. 1-22, 2025.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos fundamentos e práticas**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MORAN, José Manuel. **Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (Intercom), São Paulo, v. 17, n. 2, p. 54-65, jul./dez. 1994.

SALDANHA, Luís Cláudio Dallier. **Subjetividade no ciberespaço ou a aprendizagem nos labirintos do hipertexto**. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-9, jan./jul. 2008.

SILVA, Marco; COUTO, Edvaldo. **Educação, plataformização e datificação da vida na cultura digital**. Revista Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 19, e22650, p. 1-18, 2024.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. **Crítica ao processo de algoritmização curricular no Brasil do século XXI**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 45, p. 1-15, e274415, 2024.